

**TEMAS TRANSVERSAIS NO CURTA METRAGEM O BOLO**

The short filme "The Cake" (o bolo) and transverse themes seen through seventh art

Joel Cardoso\*

Elisângela Silveira Alencar da Rosa Cunha\*\*

*Texto recebido e aprovado em abril de 2016*

**Resumo:** O presente artigo traz algumas reflexões que tecemos em relação aos Temas Transversais, abordados, aqui, a partir do filme *O Bolo*, um curta-metragem dirigido por Roberto Guimarães, em 2010. São focos do nosso trabalho, entre outros temas, considerações sobre as Drogas, a Sexualidade e a Religiosidade, bem como os comportamentos sociais decorrentes de valores impostos pela cultura brasileira. Valemo-nos, neste trabalho, dos preceitos propostos pelos PCN, em seus diversos desdobramentos, quando dispõem sobre religiosidade, ética, sexualidade, drogas.

**Palavras-Chave:** Cinema. Temas transversais. *O Bolo*. Religiosidade.

**Abstract:** This article reflects on relation to transverse themes, showed here, from the film *The Cake*, a short film directed by Roberto Guimarães in 2010. The focus of our article, among other themes, consideration on drugs, sexuality and religiosity and social behavior arising from values imposed by brazilian culture. We have used in this work, the principles proposed by NCP in its various developments, when it discusses about religion , ethics, sexuality, drugs .

**Key words:** Cinema. Transverse Themes. *O Bolo*. Religiosity.

\* Doutor em Letras, no Instituto de Ciências da Arte (ICA-UFPA), atuando na Graduação e Pós-Graduação em Artes (Mestrado e Doutorado).

E-mail: joelcardosos@uol.com.br

\*\* Pedagoga, Professora de Educação Infantil (Ensino Fundamental Maior e Menor), no Município de Capanema, Nordeste paraense.

## Introdução

Vivemos em guerra permanente conosco mesmos. Somos incapazes de ser felizes. Não somos os que desejamos ser. O que desejamos ser jaz reprimido... E é justamente aí, diria Feuerbach, que se encontra a essência do que somos. Somos o nosso desejo, desejo que não pode florescer. Mas o pior de tudo, como Freud observa, é quem nem sequer temos consciência do que desejamos. Não sabemos o que queremos ser. Não sabemos o que desejamos porque o desejo reprimido foi forçado a habitar as regiões do esquecimento. Tornou-se inconsciente.

Rubem Alves

O cinema, apesar de existir já há mais de um século, ainda não chegou às nossas salas de aula, nem faz parte das nossas práticas pedagógicas, como gostaríamos que fizesse. Este panorama, felizmente, já está mudando. Quem trabalha com educação, para não ser ultrapassado, precisa estar atento, aberto e receptivo às inovações e mudanças que, na Contemporaneidade, ocorrem na sociedade.

O trabalho docente é, indubitavelmente, tarefa que demanda responsabilidade, uma vez que lidamos com pessoas, com o intuito de formar cidadãos ativos e conscientes. Temos, portanto, nesse sentido, que ter consciência quanto aos rumos que essa tarefa cotidiana assume. Os Temas Transversais, propondo alternativas, levando-nos à reflexão, podem nos apontar alguns direcionamentos, ajudando-nos nesta empreitada. O universo da arte, utilizado interdisciplinarmente, traz sempre possibilidades prazerosas para abordagens de temas complexos. Nesse sentido, o cinema, recurso visual lúdico, pode servir como alternativa para reflexões em diversos âmbitos. Assim, tomamos como ponto de partida para este trabalho, o filme intitulado *O bolo*, de 2010, dirigido por Robert Guimarães. Trata-se de um filme de curta metragem, com apenas 15 minutos e 25 segundos de duração.

A escolha deste filme, fruto da nossa experiência docente, se deu por conta da atualidade e complexidade dos temas que aborda. A narrativa fílmica apresenta uma história ficcional, que, no entanto, foi baseada, segundo depoimento do diretor e roteirista do filme, em fatos reais. Um filme, obviamente, não precisa ser verdadeiro; aliás, como *Arte*, como narrativa ficcional, não tem compromisso com a verdade. Sendo verossímil, assume o compromisso – isso sim! – com a nossa imaginação, com sua coerência narrativa interna (que nem precisa ser, no caso, a nossa coerência calcada na nossa realidade imediata) possibilitando questionamentos e reflexões que podem nos auxiliar quanto à nossa maneira de atuar na área da educação.

## A linguagem cinematográfica a partir do filme *O Bolo*

Vivemos num mundo abarrotado de imagens. Somos bombardeados, todos os dias e de todas as maneiras, por imagens de todos os tipos. O cinema,

como arte moderna já efetivamente consolidada em nossa cotidianidade, se aproxima, de incontáveis formas, da nossa realidade. A partir dele, com o auxílio da imagem, do movimento, do som, podemos criar a ilusão de vivenciarmos diversas experiências que se interconectam com o nosso mundo real. Não só o cinema seria uma possibilidade de reprodução da realidade, como comportaria, também, embora ficcional e artisticamente, aspectos fundamentais das nossas inquietações, nossas vivências, nossas concepções, enfim, representaria a própria visão do homem. Sabemos que o cinema é a arte do artifício, da simulação, do faz-de-conta. Ele personifica, incorpora e transmite muitos dos nossos sonhos, das nossas aspirações, dos nossos desejos. Quando nos identificamos com as tramas mostradas, vivenciamos as experiências das personagens a que assistimos e as acompanhamos, com interesse. O mundo representado na tela se transforma, de algum modo, em extensões da nossa realidade. Sentimo-nos parte das tramas apresentadas. Envolvemo-nos e nos identificamos com elas. Como válvulas de escape, as tramas fílmicas, não raro, incorporam e liberam as nossas emoções, principalmente aquelas que, de alguma forma, negamos, reprimimos ou procuramos ocultar.

O cinema, se usado conscientemente, pode se converter em um ótimo aliado do professor. Muitos são os filmes que mereceriam ser trazidos para o ambiente escolar e ser estudados minuciosamente. Trabalhar com o cinema em sala de aula requer, no entanto, alguns cuidados preliminares. Como docentes, temos que pensar, *a priori*, no que desejamos abordar com o filme. Os objetivos desta prática devem estar bem claros. Mais que entretenimento, o filme pode propiciar momentos para abordagens pontuais e específicas. Há filmes sobre os mais diversos temas. Fugindo um pouco às padronizações e aos estereótipos que o cinema vem sofrendo, principalmente por conta do predomínio de um padrão imposto pela televisão, trabalhar com filmes menos convencionais pode ser, para o professor, uma excelente oportunidade de mostrar aos alunos um pouco do repertório da Sétima Arte. Talvez, em muitos casos, seja a escola o único meio de acesso que muitos dos nossos alunos teriam para tomar contato ou ampliar o seu conhecimento cinematográfico. É o caso dos alunos de nossa cidade, Capanema, local onde não há salas de cinema.

O cinema é arte e é indústria. A linguagem cinematográfica – tanto como arte, ou mesmo como indústria – evoluiu muito deste o seu surgimento até a contemporaneidade. Nos nossos dias, com o excesso de informações, com os avanços das novas tecnologias, sobretudo as digitais, o cinema tem perdido muito da sua magia original. Hoje, predominam os efeitos especiais, os filmes tornaram-se demasiadamente violentos. Os nossos jovens crescem sob a influência dessa modalidade de filmes.

O filme escolhido para esse trabalho é um curta-metragem. A vantagem de se trabalhar com essa modalidade de filme é que, com o tempo reduzido de apresentação, podemos dedicar um tempo maior às atividades que pretendemos arrolar com a narrativa fílmica. É uma vantagem. O filme não se torna cansativo.

## O filme *O Bolo*

Iniciamos essa seção com três recortes – simples, objetivos, diretos – extraídos do artigo de Laura Maria Coutinho, intitulado Cinema e Educação: um espaço aberto”, proposto pelo Ministério da Educação em *Salto para o futuro*. Antevemos, com o uso do cinema em sala de aula, possibilidades de trazer outras dimensões fundamentais que perpassam pela nossa realidade, das quais pouco tratamos em nossas práticas pedagógicas. São aspectos da nossa realidade que, por vezes, nos angustia, nos incomoda. Não sabemos como lidar com determinadas circunstâncias com as quais nos deparamos em nosso cotidiano escolar. É desta maneira que, também temos trazido o cinema, talvez a mais plural das artes, para o âmbito escolar: como um espaço aberto, propício à reflexão, à busca do entendimento, à instauração de debates e questionamentos.

Vamos, pois, à apresentação do filme:

Ficha Técnica:

Título: *O bolo*

Genero: Ficção

Roteiro, Direção, Direção de Arte: Robert Guimaraes

Elenco: Fabíula Nascimento, Eriberto Leão, Felipe Abib, Flávio Bauraquei Angela Rabello, Caike Luna, Catarina Abdala, Kiko Mascarenhas.

Duração: 15 minutos

Ano de produção: 2010 – Ano de lançamento: 2011

País: Brasil

Local de produção: Rio de Janeiro.

Fotografia: Gabriel Mellin

Assistente de fotografia: Marcos Salamonde

Som direto: Marcel Costa, Pedro Moreira

Assistente de Direção: Deborah Engiel

Produtora: Pop Art Produções

Figurino: Antônio Araújo

Maquiagem: Uirandê Holanda

Montagem: Bernardo Jucá

Mixagem: Carlos Trilha, Mario Martinelli

Assistente de Produção: Hugo Cals

O filme *O bolo*, do diretor estreante, Robert Guimarães, que, no caso é responsável pelo roteiro e pela direção, foi lançado em setembro de 2010 no Festival do Rio. Participou, também, da Mostra Competitiva Première Brasil. A trajetória deste curta-metragem, entretanto, não para por aí: participou do

18º. Festival Mix Brasil, de 2010, e, na ocasião, recebeu o Prêmio de Melhor Curta-Metragem Nacional (prêmio atribuído pelo Júri Popular). A película foi selecionada para a Mostra Competitiva do Circuito Inffinito Brazilian Film Festival, de 2011 (Nova York, Londres, Miame, Montevideo e Buenos Aires), conquistando uma série de Prêmios: o de Melhor Filme (pelo Júri Popular) em Nova York, Miame e Buenos Aires e o Prêmio de Melhor direção de arte (em Miami). Participou, também, dos festivais internacionais de Berlim e Toronto e, ainda, da quarta Mostra Possíveis Sexualidades - Salvador.

## Um pouco da história do filme

Os deuses são os desejos do homem pensados como reais transformados em entidades reais. Um Deus é uma ânsia de felicidade do homem satisfeita na fantasia. Se o homem não tivesse desejos, não teria religião nem deuses, apesar da fantasia e do sentimento.

Ludwig Feurbach

O filme tem início com a chegada da personagem principal ao seu trabalho. Os nossos trajes, a nossa maneira de vestir são escolhas que nos identificam, que nos caracterizam. A personagem nos surge vestida de forma recatada, que imediatamente nos remete à identificação clara de algumas posturas sociais. Quem é ela? É Dirce, uma empregada diarista que, numa segunda feira, se dirige ao seu local de trabalho. Trata-se de sequências simples que mostram flashes do cotidiano. As formas de caracterização das personagens têm continuidade também nos diálogos que se seguem. Ao chegar ao edifício em que trabalha, enquanto ela, caracterizando-se como evangélica, diz – “A paz do senhor”, é recebida, à entrada do prédio, pelo porteiro, o negro – Agnaldo -, que a cumprimenta com uma saudação que evidencia uma outra adesão religiosa. Ele diz, acintosamente: – Saravá!

Dirce trabalha em um apartamento de um rapaz solteiro. Seu patrão – Cadu - é jovem, bonito, moderno, simpático e gay. Ela, no entanto, não sabe disso.

Nesta segunda feira, isto é, logo após um final de semana, ao adentrar o apartamento para iniciar seu trabalho, essa empregada doméstica, séria, reservada, conservadora e religiosa, vive situações, no mínimo, hilárias. Ela encontra, ao abrir a geladeira, restos de um apetitoso bolo (aparentemente de chocolate) que sobrou da festa que tivera lugar no final de semana. Ao provar o bolo, Dirce nem desconfia que ele fora confeccionado de forma especial: com drogas. Enquanto vai comendo mais e mais do bolo, imediatamente, ela passa a vivenciar sensações do doce mágico, sensações que despertam sua sensualidade reprimida. Fora do seu estado normal, ela, de imediato e irrefletidamente, encontra no porteiro a pessoa ideal para a realização de suas secretas fantasias sexuais. Ela começa, a partir de então, a agir de forma completamente diferente da sua maneira habitual de se comportar.

É interessante o fato de ela não ter conhecimento que o seu patrão é gay e tampouco que o tal bolo de aniversário que Cadu ganhou de presente da amiga *hippie* e *chic* Lili (Catarina Abdalla) é de *hemp*, ou seja, de maconha. Ela tenta invadir os aposentos do patrão que dorme profundamente. Sem conseguir satisfazer seus acalentados e secretos desejos com o patrão, Dirce desce, sensualmente, à portaria do prédio e encontra no porteiro umbandista Agnaldo (Flavio Bauraquí) a oportunidade de satisfazer as suas mais secretas e reprimidas fantasias sexuais. Sentindo-se muito senhora de si, é dada a largada para os efeitos do bolo de *cannabis* fazer a doméstica Dirce – literalmente – pegar fogo.

Com o aflorar dessa sensualidade que, agora, se evidencia bem à flor da pele, na portaria, literalmente, ela ataca o porteiro. A situação é, obviamente, hilária e inusitada. Um escândalo se evidencia. O porteiro, surpreso, aceita e entra no jogo de Dirce. A síndica é chamada, e, logo após, o desavisado patrão da moçoila, que, envergonhada, se recompõe e vai embora.

Um detalhe que deve ser lembrado: o filme foi baseado em fatos reais. Claro que o ficcional ganha força na filmagem, mas, mesmo assim, é possível pensar no velho questionamento: a arte imita a vida ou é a vida que imita a arte? Não importa!...

Retomando à rotina dias depois, Dirce retorna ao emprego. Agora, é, entretanto, uma outra pessoa. Isso pode ser constatado na própria maneira de ser da personagem, entre outras, na maneira como se veste, como anda, na forma desinibida de transitar.

## **Reflexões teórico-metodológicas: perpassando pelos temas transversais**

O filme, se visto apressadamente, pode trazer a falsa ideia de que a droga ajuda na liberação sexual. Isso até pode, no caso, ser verdade, mas pode, também, se constituir em uma armadilha: pode ser que não seja verdade também. Precisamos ter clareza da situação. O filme, através dos métodos pelos quais a personagem libera a sua sexualidade, não pode ser passado como uma receita para quem anseia ser livre, desinibido e feliz; em outros termos, não pode ser levado ao pé da letra como uma receita para a liberação sexual, mas o filme pode ser utilizado (e é esse ponto que enfatizamos) para despertar discussão e reflexões sobre a nossa maneira de se comportar em sociedade.

Podemos, inclusive, nos servir dele para as reflexões que podemos propor a nós mesmos, como docentes, com os nossos colegas de trabalho, com a coordenação pedagógica, ou, ainda, com a direção da escola, e até mesmo com os funcionários que trabalham na escola. Foi essa a maneira que temos utilizado o filme: como ponto de reflexão, para docentes e funcionários que compõem o corpo administrativo e de apoio, em nossas reuniões pedagógicas. Os profissionais que atuam em uma escola devem ter uma mente aberta e lucida livre de preconceitos para poder lidar com outros seres humanos. Não é raro

nos depararmos com posturas demasiadamente radicais e conservadoras nesses profissionais. Tais reflexões não são apresentadas, tampouco discutidas entre os membros que compõem o quadro de funcionários das nossas escolas. Muitos, mesmo, talvez por falta de acesso à informação, não se mostram receptivos às mudanças. Eles já vêm com predisposições prontas.

Segundo os PCN, “a sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam”. Incorporamos e transmitimos valores familiares. É comum que eles se convertam em dogmas e reflitam a nossa maneira de nos comportar e de nos apresentar ao mundo.

Todos nós devemos aprender a ver o outro na sua individualidade, nas suas especificidades; a ver o outro que é diferente de nós e respeitá-lo, e aceitá-lo. Nós não deveríamos ir para a escola para apregoar nossas concepções religiosas. A função da escola é, nesse sentido, dar uma visão ampla e geral. É apontar caminhos, oferecer alternativas. Os caminhos a serem trilhados ao longo da vida dependem de cada um, dependem de escolhas pessoais que – é claro – devem ser respeitadas. Quanto ao posicionamento da sexualidade de cada um, também não devemos interferir. Sabemos que a “ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema presente no cotidiano de cada um, que faz parte do vocabulário conhecido por quase todos” (PCN, 1997, p. 25).

Como pontua o Direito Universal, devemos, sim, orientar quanto às posturas éticas que devem ser apresentadas, discutidas e preservadas, principalmente alertar quanto a consequências que determinadas escolhas ou atitudes podem ocasionar no contexto social. Em relação à sexualidade, faz parte de nossas atividades docentes conscientizar quanto à responsabilidade das escolhas que fazemos. Não se trata de estabelecer posicionamentos inflexíveis quanto ao que é certo ou o que é errado. Isso se aplica também no que concerne à forma que a escola trabalha em relação às práticas religiosas. De forma isenta, a escola deve se ater apenas à transmissão clara de preceitos éticos, evidenciando responsabilidades, valores morais, que estejam atrelados aos direitos universais do homem. Ainda, segundo os PCN, “cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão”.

O objetivo principal do curta-metragem *O bolo* talvez seja, implicitamente, a da apologia da liberdade, ou melhor, da liberação de impulsos sexuais reprimidos. O que é polêmico, no filme, é a maneira pela qual a personagem consegue se aceitar, liberando pulsões reprimidas. Quando somos livres para fazer o que queremos, tornamo-nos muito mais leves e, conseqüentemente, muito mais felizes. Todos buscamos, de alguma forma, ser felizes. Segundo Robert Guimarães, diretor do filme, o curta exterioriza a sensibilidade de comunicar, por meio de uma comédia, alguns temas que são ilustrados pela narrativa (drogas, sexo, religião, etc.). Freud afirmava que, brincando podemos dizer tudo, inclusive verdades. Mas, perguntamo-nos: qual verdade?

Em tempos em que se discute a legalização da maconha, o curta aborda o problema de forma lúdica, sem se compromissar, favorável ou desfavoravelmente, com alas de representação ideológica da nossa sociedade quanto a alguns dos possíveis efeitos relacionados ao uso desta droga. Por se tratar de uma obra de ficção, não há, em momento algum, o compromisso com valores sociais vigentes. O que existe – e isso fica claro – é apenas a intenção de provocar, incomodar, e, principalmente, divertir.

As drogas – todas as drogas como o próprio nome já diz – são perniciosas. Tornar-se dependente de qualquer uma delas é altamente negativo para a vida humana. Tudo que leve ao vício é ruim.

Não é raro encontrarmos pessoas que discriminam a orientação (termo absolutamente questionável) sexual alheia. As pessoas não são melhores por conta da sua forma de ser, sexualmente falando. Os indivíduos valem por aquilo que representam moral, cultural e socialmente e nunca por suas escolhas em relação à sexualidade, já que ninguém escolhe nascer homem, ou mulher, ou gay. Não se trata nem mesmo de orientação, mas de condição. Aceitar as diferenças tem a ver com a forma como exteriorizamos a nossa cultura, com o modo como trabalhamos as discriminações com os preconceitos sociais, preconceitos que refletem, por vezes radical e erroneamente, desdobramentos religiosos, transformando-se em posturas cabais que evidenciam atitudes preconceituosas que circulam, às vezes, velada ou imperceptivelmente na sociedade. O filme que escolhemos como tema desse trabalho, trata – às vezes direta e, em outras, indiretamente – disso tudo. Serve como ponto de partida para que coloquemos na ordem do dia estas questões todas. Questões tão presentes em nosso cotidiano e que, muitas vezes, insistimos em não ver. Em apenas 15 minutos o filme perpassa por isso tudo.

Como preconizam os PCN, “na verdade, o uso de drogas não é algo novo para a humanidade e não existem evidências de que deixará de acontecer”. De forma explícita ou velada, ainda segundo os PCN, nos cadernos relacionados à Saúde, que

o consumo de diferentes substâncias psicoativas no trabalho, no lazer ou em rituais e festas, com papel agregador de comunidades, é comum a todas as culturas, e o uso social e religioso de drogas prazerosas, capazes de modificar o humor, as percepções e sensações, tem sido uma constante ao longo da história humana (BRASIL, 1997, p. 270).

O filme não é especificamente sobre drogas, ou sobre sexualidade, ou, ainda, sobre religião. No entanto, estes temas, como tudo na vida, estão sempre – direta ou indiretamente – interligados. Todas as religiões dispõem, em seus dogmas, em seus preceitos, sobre sexualidade. Algumas modalidades de práticas religiosas são mais radicais; outras, mais liberais. Quando se relaciona sexualidade às drogas, o tema ganha complexidade. É nesse sentido que podemos refletir sobre este entrecruzamento temático e aprendermos algumas lições. Pelo menos podemos, a partir do filme, propor questionamentos que



sejam frutíferos à nossa prática pedagógica, ou que melhorem, na escola, as relações interpessoais. Das interdições nascem os desejos. Tanto mais proibidas, tanto mais desejadas as coisas. O sexo, pulsão natural de vida, quando reprimido, encontra outras formas de satisfação. A sociedade – de uma forma geral – reprime manifestações relativas à sexualidade. O sexo, para muitas pessoas, ainda é visto como prática inapropriada, indesejada, suja, pecaminosa. Não é à toa que as religiões, via de regra, só permitem as relações sexuais somente quando legalizadas pelo casamento. Há práticas sexuais que também são, normalmente, reprimidas, como, por exemplo, as relações homoafetivas. Este, porém, não é o tema deste trabalho. Nada impede, no entanto, que o tema, se vier à baila, seja discutido despreconceitosamente.

### **Considerações finais**

A nossa tendência, primeiro como seres humanos, depois como educadores, é fazer prevalecer, sob quaisquer circunstâncias, o nosso ponto de vista. Queremos, por estarmos convencidos quanto às nossas verdades interiores, ainda que inconscientemente, convencer. Isso tem o seu lado positivo, mas tem, também, como não poderia deixar de ser, o seu lado negativo. Estamos inseridos em uma sociedade e procuramos viver em harmonia com os preceitos vigentes e as regras socioculturais aceitas pelo grupo de que fazemos parte. Pensar a educação nesse contexto requer um certo distanciamento. Conciliar regras sociais e nossos desejos, nossos impulsos é tarefa que está no cerne de quem pretende ensinar. Rubem Alves nos alerta que

a cultura parece sofrer da mesma fraqueza que sofrem os rituais mágicos: reconhecemos a sua intenção, constatamos o seu fracasso – e sobra apenas a esperança de que, de alguma forma algum dia, a realidade se harmonize com o desejo. E enquanto o desejo não se realiza, resta cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, escrever-lhe poemas, compor-lhe sinfonias, anunciar-lhe celebrações e festivais (ALVES, 1999, pp. 23-4).

No percurso empreendido pelo trabalho, vimos o desejo da personagem Dirce sair vitorioso, livrando-se das amarras que o aprisionavam. Isso, em si mesmo, não é bom nem ruim. Ainda que por vias oblíquas, trata-se, evidentemente, de um ato de conscientização, de libertação da mulher aprisionada pelos ritos religiosos ou, talvez, culturais, de uma mulher que cede aos seus desejos, que se liberta de algumas formas de opressão. Por outro lado, temos o perigo que estas novas posturas acarretam. Se tomados levianamente, tais atos podem resultar em danos sérios para a vida das pessoas. O que procuramos transmitir, como professores, como educadores, é que devemos procurar sempre a ponderação, a racionalização, o planejamento consciente dos rumos que pretendemos dar às nossas práticas pedagógicas e, por extensão, às nossas vidas.

Quanto à utilização das drogas e quanto à maneira como a personagem ganha a sua independência, isso também merece ser colocado como

reflexão. Nem todo mundo reage da forma que a personagem reagiu quando consome – ainda que involuntariamente – as drogas.

As drogas nunca devem ser vistas como fuga à realidade, como compensação à opressão, como possível libertação. O filme, como vimos, brinca com essas posturas tradicionais. É um filme que, ainda que baseado em fatos reais, cria situações verossímeis. O intuito primeiro é divertir, por em cena a comicidade. Com ousadia, o filme, perpassando por temas polêmicos, mantém um tom despretensioso de brincadeira, de comédia e talvez seja por isso que nos contagia de imediato. Como já frisamos, é brincando que, muitas vezes, exteriorizamos as nossas verdades.

## Referências

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos, 31).

BARBOSA, Fabiano Veliq. *A Religião como linguagem da esperança no pensamento de Rubem Alves*. Dissertação de Mestrado, Curso de Mestrado em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011.

BRASIL: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – *Orientação Sexual* – Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental. Disponível portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf – Consulta em 13.11.2015.

BRASIL: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Apresentação dos Temas Transversais – *Ética* – Brasília: MEC, SEF - Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf, 1997 – Consulta em 11.11.2015.

BRASIL: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Apresentação dos Temas Transversais – *Saúde* – Brasília: MEC, SEF - Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf, 1997 – Consulta em 11.11.2015.

COUTINHO, Laura Maria. “Cinema e Educação: um espaço aberto”. In: *Salto para o Futuro*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, MEC, TV Escola. Maio/2009 – ano XIX, nº 4. p. 3-4

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a05v11n31.pdf>, data: jan/abr/2006. Acesso em 05/04/2015.

SITES:

<https://curtaobolo.wordpress.com/> - consulta em 15.04.2016, às 13 horas.